

SINDICALISMO DOCENTE E AS TRABALHADORAS EM EDUCAÇÃO

CARMEN BEATRIZ LÜBKE ÜCKER¹; VALDELAINE MENDES²

¹Universidade Federal de Pelotas – bia.lubke@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – valdelainemendes@outlook.com

1. INTRODUÇÃO

Este texto constitui-se em uma parte do meu projeto de mestrado apresentado para a linha de pesquisa Currículo, Profissionalização e Trabalho Docente que compõe o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas. Neste projeto pretende-se fazer um estudo acerca das relações de gênero que constituem o sindicalismo docente do Rio Grande do Sul, tendo como objetivo a análise e a problematização do papel que exercem as mulheres sindicalistas. Para tanto, pretende-se estudar os sujeitos que compõem o Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS/SINDICATO), especificamente, o 24º Núcleo deste sindicato, cuja sede se localiza na cidade de Pelotas e compreende os municípios de Arroio Grande, Canguçu, Herval, Piratini, São Lourenço do Sul, Jaguarão, Pedro Osório, Capão do Leão, Morro Redondo, Cerrito, Turuçu e Pedras Altas.

O CPERS/SINDICATO teve início em abril de 1945, quando um grupo de professores formados basicamente por mulheres criava o Centro dos Professores Primários Estaduais, de onde saíram às bases para a sua fundação. Em 1973, os professores primários uniram-se aos professores do ensino médio. Em 1989, agregou-se ao Sindicato dos Trabalhadores em Educação. E, em 1990, os funcionários das escolas foram incluídos no sindicato. Desde então, o CPERS realiza a cada dois anos o Congresso Estadual a fim de discutir as demandas e as prioridades do sindicato para os anos seguintes. E, a cada três anos são eleitos novos dirigentes. Desde a sua formação, a maioria das presidências do CPERS foram formadas por mulheres.

Então, como professora da rede pública estadual e militante no CPERS/SINDICATO, atuando como representante na escola na qual trabalho, este universo vem despertando a minha inquietação. Um universo que, mesmo composto em sua maioria por mulheres, ainda é masculino, pois, dentro do 24º núcleo, o qual se pretende estudar, raramente são feitas discussões acerca das relações de gênero. FERREIRA (2008) destaca a escassez da “análise das relações de gênero em organizações sindicais cuja base é principalmente formada por mulheres, como é o caso do professorado”.

Então, frente a uma categoria formada, em sua maioria, por mulheres por que a resistência em discutir as relações de gênero dentro do sindicato? FERREIRA (2008, p. 19 - 20) ao analisar as relações de gênero existentes dentro do CPERS/SINDICATO, no período de 2002 a 2005, afirma,

Se concordarmos que os sindicatos são exemplos de organizações criadas a partir da categoria classe social, entenderemos por que eles apresentam dificuldade de trabalhar com outras categorias de análise. O que está na base dessa compreensão é a ideia de que o sujeito de classe é universal, portanto deveria dar conta da totalidade das problematizações e reivindicações levadas a efeito pelos sindicatos, evitando reconhecer que esse sujeito expressa interesses de grupo.

Além do fato anteriormente mencionado por ela, de que o sindicato se encaixa na categoria classe social, temos ainda a feminização do trabalho docente e a construção da ideia de que as mulheres exercem essa função por vocação. Ainda, de acordo com FERREIRA (2006, p. 69), “o conceito de vocação é um influente mecanismo explicativo da suposta tendência das mulheres para a docência, e uma boa forma de justificar o encaminhamento das mesmas para ocupações menos valorizadas socialmente.” Segundo essa perspectiva, cabe às mulheres o cuidado das crianças, o afeto e o instinto maternal. Assim, a escola passa a ser considerada uma extensão do lar, da esfera privada, com papéis femininos já delimitados.

Para Garcia, Hypolito e Vieira (2005, p. 47),

[...] a gestão da identidade profissional dos docentes é uma tarefa central no governo e na condução do sistema educacional e escolar de uma nação. Definir pelo discurso que categoria é essa, como deve agir, quais suas dificuldades e problemas é produzir uma parcela das condições necessárias à fabricação e à regulação da conduta desse tipo de sujeito.

Ou seja, essa identidade, atribuída pela sociedade ao magistério é usada pelo governo e, muitas vezes, pela mídia para justificar os baixos salários pagos a categoria, já que esses sujeitos exercem a sua profissão por “amor”. É dentro desta lógica que o Estado e a escola tentam regular a conduta do professorado e, assim, manter um controle mais efetivo sobre os mesmos.

Em contrapartida a essa perspectiva, temos a mulher sindicalizada, que se faz presente na esfera pública, lutando por melhores salários, pela valorização profissional, por melhorias na educação. Isso se reflete no protagonismo assumido pelas mulheres que exerceram a direção geral do CPERS/SINDICATO. Estão diretamente inseridas na esfera política, no exercício do poder, no confronto direto com o Estado que tenta docilizar esses sujeitos.

2. METODOLOGIA

A priori se pretende realizar uma pesquisa de cunho qualitativo, de forma que, serão usadas entrevistas semiestruturadas, observação participante e análise documental. A análise dos documentos produzidos pelo CPERS/SINDICATO será utilizada com o intuito de corroborar com a compreensão dos dados obtidos através das entrevistas e das observações. Assim como, a revisão bibliográfica sobre o que se tem produzido sobre este tema também contribuirá com a escrita deste trabalho.

A utilização de entrevistas semiestruturadas se faz necessária aqui, por compreender que, “a entrevista constitui-se em uma técnica de coleta de informações/dados sobre um objeto/tema de pesquisa, centrado nos objetivos do pesquisador, que envolve um processo de interação/comunicação entre dois ou mais sujeitos”. (RÊSES, 2008, p. 175). Este instrumento de pesquisa nos permite “uma formulação flexível das questões, cuja sequência e minuciosidade ficarão por conta da discussão dos sujeitos e da dinâmica que flui naturalmente no momento em que entrevistador e entrevistado se defrontam e partilham uma conversa de perguntas abertas”. (ALVES; SILVA, 1992, p. 64).

No que diz respeito a observação participante, compartilho a definição utilizada por MYNAIO (2009, p. 70), que diz o seguinte:

Definimos observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa.

Esta é a metodologia que se pretende utilizar ao longo do desenvolvimento desta pesquisa de mestrado.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O CPERS/SINDICATO é formado em sua maioria por mulheres, isto se reflete também, na presença delas nas direções do referido sindicato. Ao longo dos seus setenta e dois anos de história o CPERS/SINDICATO teve vinte e quatro presidentes, alguns deles reeleitos. Ao todo, vinte mulheres estiveram à frente deste sindicato, somente quatro homens exerceram a presidência do mesmo. Composto por quarenta e dois núcleos, vinte e cinco deles são dirigidos por mulheres, dezessete dirigidos por homens. As mulheres ocupam trinta vice-direções deste sindicato, enquanto os homens ocupam apenas doze lugares nesta posição. Assim como, representantes de escola, em sua maioria, também são mulheres. Elas são maioria presente, também, no conselho geral do CPERS/SINDICATO. No entanto, este sindicato não se volta para isso. Podemos inferir então, que o grande número de mulheres que compõem as bases dos sindicatos é um reflexo do processo de feminização da profissão docente, ao qual encontra-se vinculado a ideia do exercício da profissão por vocação e a consequente desvalorização da docência. Os sindicatos não estão fora deste contexto social,

Para Morgade (2007, p. 404), “los significados ‘vocacionistas’ fundacionales fueron cambiando de intensidad a lo largo del siglo, pero resultan persistentes aún en la actualidad”. Aliado a este processo de feminização da docência, alguns autores trazem a concepção da proletarização do magistério. Para LOURO (2000), a profissionalização do ensino estaria atrelada a um processo de proletarização da docência. De acordo com APPLE (1987, p. 5), “em toda categoria ocupacional, as mulheres estão mais sujeitas a serem proletarizadas do que os homens”. Este processo de proletarização se daria devido a perda do controle dos docentes sobre o seu trabalho. RÊSES (2008) atribui esta perda do controle do trabalho docente, ligada a universalização do ensino a este processo de proletarização, agregando ainda o fato da desqualificação desta profissão. Para LOURO (2000, p. 474),

Os indicadores dessa proletarização seriam observados, de forma mais evidente, na acentuada queda dos salários já tradicionalmente baixos; mas também poderiam ser reconhecidos na medida em que se interpretasse o exercício da atividade docente como se aproximando da forma de organização do trabalho fabril – expressa pela mencionada expropriação do saber dos agentes de ensino, separação entre aqueles que decidem e os que executam, parcelarização e intenso controle das atividades, etc.

Segundo Louro, é dentro desta perspectiva que as professoras e professores passam a se ver como pertencentes a classe trabalhadora e, conseqüentemente, passam também a buscar formas de luta semelhantes as utilizadas pelos operários das fábricas. Surge então, “a professora sindicalizada, denominada trabalhadora em

educação, representada pela mulher militante, disposta a ir às ruas lutar por melhores salários e melhores condições de trabalho” (LOURO, 2000, p. 474).

4. CONCLUSÕES

Não apresento aqui a conclusão para este trabalho, mas sim algumas considerações, tendo em vista, que o mesmo ainda está dando os seus primeiros passos. A feminização da docência está vinculada a instituição do ensino primário como público e gratuito. O Estado permitiu que as mulheres ocupassem o magistério, desde que essa ocupação não confrontasse a sua “vocação natural”, que seria o cuidado e a educação das crianças, estritamente relacionada a maternidade e as atividades domésticas. Criou-se, então, o sujeito vocacionado. Aliado a este processo, temos a proletarização da docência, reflexo dos baixos salários pagos a categoria, parcelamento das atividades e perda de controle sobre o seu trabalho.

Todo esse processo, desencadeou novas formas de organização. As mulheres, assim como os homens, também passaram a se organizar em torno de associações sindicais. O sujeito vocacionado deu lugar ao sujeito político. A identidade de mãe e educadora cedeu lugar a de trabalhadora e militante sindical.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLE, Michael. Relações de classe e de gênero e modificações no processo do trabalho docente. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 60, p. 3 – 14, fev. 1987.

ALVES, Zélia M. M. B.; SILVA, Maria H. G. F. D. da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia**. Ribeirão Preto, n. 2, p. 61 – 69, Fev./Jul. 1992.

FERREIRA, Márcia O. V. Desconforto e Invisibilidade: representações sobre as relações de gênero entre os sindicalistas docentes. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 47, p. 15 – 40, Jun. 2008.

_____. Docentes, representações sobre relações de gênero e consequências sobre o cotidiano escolar. In: SOARES, Guiomar; SILVA, Méri R.; RIBEIRO, Paula (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais**. Rio Grande: FURG, 2006.

GARCIA, Maria M. A.; HYPOLITO, Álvaro M.; VIEIRA, Jarbas S. As identidades docentes como fabricação da docência. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 1, p. 45 – 56, jan./abril. 2005.

LOURO, Guacira L. Mulheres na sala de aula. In.: DEL PRIORY, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

MORGAGE, Graciela. Burocracia educativa, trabajo docente y género: supervisoras que conducen “poniendo el cuerpo”. **Educación & Realidade**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 400 – 425, maio/ago. 2007.

MYNAIO, Maria C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In.: DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria C. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

RÊSES, Erlando da S. **De vocação para profissão: organização sindical docente e identidade social do professor**. 2008. 283f. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de Brasília. Brasília.